

Os sambas enredos explicam o mundo:

possibilidades pedagógicas dos enredos no ensino de história

Samba-Enredos Explain the World: Pedagogical Possibilities of Carnival Plots in History Teaching

Luiza Sarraff

Mestra e doutora em História pelo Programa de Pós Graduação em História Social da UERJ/FFP. Atualmente, se encontra em estágio pós doutoral junto a UDESC e faz parte do grupo de pesquisas Leehpac.

luiza.sarraff@yahoo.com.br

Arthur Dupim

Graduado em História pela UERJ/FFP, mediador no Museu de Arte do Rio (MAR) e membro do grupo de pesquisa Dimensões do Regime Vargas e seus Desdobramentos (UERJ/CNPq)

arthurdupim565@gmail.com

Lucas Silva

Graduando em História pela UERJ/FFP, membro do grupo de pesquisa Sambavivências e membro do grupo de pesquisa Folias, Congos e Cucumbis: Coroações de Reis e Carnaval no Pós-Abolição, 1889-1930 (UERJ/CNPq)

lucasrobertosoressilva@gmail.com



RESUMO: Este artigo propõe uma discussão sobre a importância do samba-enredo como instrumento pedagógico de decolonização do ensino de história. A abordagem revela como ele proporciona uma construção compartilhada do saber histórico, sendo fruto tanto do aprendizado institucional quanto da memória compartilhada nas comunidades. Por meio de suas letras, o samba-enredo expressa a resistência de comunidades excluídas pelo colonialismo, compartilhando saberes específicos de determinados grupos e sendo ele próprio um espaço de expressão da memória, da consciência social e da cultura afro-brasileira. A discussão relaciona o samba-enredo ao pensamento decolonial, particularmente às reflexões de Frantz Fanon, Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, mostrando como ele fortalece o ensino de história compartilhada, multissituada e decolonial. A experiência compartilhada na Escola Estadual José de Souza Marques revela como o samba-enredo proporciona uma educação transformadora, compartilhando saberes específicos de comunidades historicamente excluídas e sendo ele sujeito de sua história.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de história; Samba-enredo; Decolonização; Memória compartilhada; Comunidades Afro-Brasileiras.

ABSTRACT: This article discusses the importance of samba-enredo as a pedagogical tool for decolonizing history education. The approach shows how it enables a shared production of historical knowledge, arising from both institutional education and community memory. Through its lyrics, the samba-enredo expresses the resistance of communities excluded by colonialism, sharing knowledge specific to certain groups and serving as a space for memory, social awareness, and Afro-Brazilian culture. The discussion connects the samba-enredo to decolonial thought, particularly Frantz Fanon's, Paulo Freire's, and Boaventura de Sousa Santos's perspectives, demonstrating how it strengthens a multilocated and decolonial view of history education. The experience at José de Souza Marques State School highlights how the samba-enredo provides a transformative education, sharing knowledge from historically excluded communities and making them subjects of their own history..

KEYWORDS: History education; Samba-enredo; Decolonization; Shared memory; Afro-Brazilian communities.

Em (...) o Carnaval tem um papel absolutamente fascinante que pode ser trabalhado pela educação. Nós podemos dar aula de história, de geografia, de sociologia, de filosofia, de artes, de língua portuguesa, de literatura tendo como referência o Carnaval. Ele é um tema que apresenta uma transversalidade para quem trabalha com educação (SIMAS, Luiz Antônio. 2023).ⁱ

Nos 460 anos de fundação da cidade do Rio de Janeiro, o carnaval tem sido um importante sujeito cultural que se mistura com a cidade em uma transformação adjunta com o habitante, no qual é um importante sujeito potencializador pedagógico. Nesse sentido, enquanto manifestação cultural, o carnaval é responsável, para além dos festejos oficiais de 5 dias, pela oralização de histórias até então não ditas nos meios educacionais formais.

Dessa forma, o carnaval, por meio das escolas de sambaⁱⁱ tem em sua imensa história inúmeros desfiles marcantes que apresentaram na avenida, seja na Avenida Presidente Vargas nos primeiros anos das escolas de samba na década de 1930, onde torna-se palco oficial do Maior Espetáculo da Terra, até anos 1980, que em seguida com a construção de um palco próprio, no qual é a Marquês de Sapucaí inaugurada em 1984 e presente até os dias atuais, impactou o seu grande público com histórias esquecidas e personagens marginalizados.

Contudo, pensar o carnaval enquanto um instrumento pedagógico vem se apresentando como uma perspectiva do tempo presente, inserida nas transformações sociais que buscam dar protagonismo a personagens historicamente apagados das narrativas históricas que sempre prezaram pela primazia do homem branco, europeu, heterossexual e cisgênero. Nesse sentido, o carnaval, mais que uma festa popular, se apresenta como instrumento de subversão da ordem estabelecida e de conhecimento

histórico.

Considerando os sambas-enredos como instrumento pedagógico, seguindo a seara proposta por Luiz Antônio Simas, o presente artigo tem como objetivo enunciar as possibilidades educativas dentro do ensino de história através da análise de uma oficina para alunos do ensino médio em uma escola da zona norte do Rio de Janeiro. O presente artigo se encontra dividido em cinco partes.

O abre-alas: a Escola Estadual José de Souza Marques e a semana da consciência negra

A Escola Estadual José de Souza Marques, situada na zona norte do Rio de Janeiro, no bairro de Brás de Pina, apresenta-se como um espaço emblemático tanto para a educação básica quanto para a discussão de questões étnico-raciais e de desigualdade presentes na realidade brasileira. Localizada nas proximidades de comunidades como o Complexo de Israel, Quitungo e Guaporé – comunidades historicamente excluídas e marginalizadas – a unidade escolar revela-se como um lugar marcado pelas desigualdades de classe e de raça que perpassam o cotidiano de seus estudantes. Em 2025, o colégio conta com um corpo discente formado por 569 estudantes, distribuídos em 31 turmas que se organizam em 3 turnos, sendo atendidos em 10 salas de aula. A instituição conta ainda com 53 servidores, entre professores, funcionários e membros da administração, sendo seu ensino destinado exclusivamente ao ensino médio regular.

Com uma realidade compartilhada por inúmeras escolas públicas nas comunidades da periferia carioca, o José de Souza Marques apresenta como perfil dominante de seus estudantes o de jovens negros, moradores de comunidades da zona norte. Essa condição revela desigualdades tanto de acesso ao ensino quanto de oportunidades, sendo preciso, ao refletir sobre o espaço escolar, considerar o recorte racial e de classe como parte

fundante das desigualdades presentes na educação. Como destaca Angela Davis (2016), o racismo estrutural atravessa todos os mecanismos da organização social, sendo particularmente intenso nas comunidades negras e periféricas. Por sua parte, a historiadora Ynaê Lopes dos Santos (2019) propõe uma abordagem na qual o racial passa a ser não apenas um marcador de desigualdade, como também um elemento de resistência e ressignificação da memória e da cultura de comunidades subalternizadas.

Em consonância com a Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas, o José de Souza Marques organiza, anualmente, a Semana da Consciência Negra, um período destinado ao debate, à conscientização e ao resgate da memória da população negra no Brasil. A semana revela-se como um espaço importante tanto para dar conta do que a nova base nacional comum curricular (BNCC) não cobre quanto para proporcionar ao alunado a compreensão de seu próprio lugar na história. Na perspectiva de Angela Davis, o combate ao racismo passa pelo reconhecimento do sujeito negro como sujeito histórico, sendo a educação um espaço-chave para essa tomada de consciência.

Neste contexto, a professora Claudia Costa, que leciona na instituição desde 2013 e faz parte de um grupo de pesquisa sobre ensino de história, propôs, de forma informal pelo grupo de mensagens, que alguns dos colegas contribuíssem para a organização de uma oficina pedagógica a ser compartilhada na Semana da Consciência Negra. Uma das professoras, Luiza Sarraff, ao receber o pedido, propôs junto a seus estudantes Arthur Dupim e Lucas Silva – envolvidos no estudo da história do samba – uma abordagem inovadora: usar o samba-enredo como instrumento pedagógico para compreender o mundo, a realidade social brasileira e as desigualdades presentes na história. Dessa forma, o samba, expressão da resistência negra nas comunidades do Rio de Janeiro, passa a fazer parte tanto do currículo quanto do debate sobre consciência racial, sendo ele próprio um lugar de memória, de cultura compartilhada e de resistência.

Importa destacar que os autores optaram, neste trabalho, por não usar a metodologia da história oral, como propõe Marieta de Moraes (2011), pois o interesse aqui era focar no uso pedagógico do samba-enredo como artefato histórico e como instrumento de ensino. Entretanto, em conversas informais com a professora que fez o convite, ficou claro que a iniciativa da Semana da Consciência Negra surgiu em 2015, a partir de um pedido do antigo diretor da unidade. Ele propunha o evento como forma tanto de dar conta da Lei 10.639 quanto de proporcionar ao alunado uma visão crítica do próprio mundo, considerando o espaço de desigualdade e de violência no qual ele se insere. A ideia era fazer da semana um lugar de resistência, discussão e consciência, particularmente relevante para comunidades que vivenciam o preconceito racial e a desigualdade social de forma permanente.

Com o passar dos anos, porém, o evento passou a encontrar cada vez maior resistência, principalmente em função do crescimento da expressão da religião evangélica nas comunidades adjacentes – particularmente no Complexo de Israel, nas proximidades da escola. A resistência revela a complexidade de trabalhar determinados conteúdos pedagógicos, como a história e a cultura afro-brasileira, em comunidades nas quais determinados grupos vêm tentando minimizar, invisibilizar ou demonizar expressões culturais de matriz afro. A professora Claudia revela ainda que o espaço destinado ao debate racial ficou cada dia mais restrito, sendo a Semana da Consciência Negra, na prática, o único período no qual o tema consegue ter lugar nas atividades pedagógicas, considerando tanto o Novo Ensino Médio quanto a Base Nacional Curricular, que vêm dificultando o aparecimento de determinados conteúdos críticos nas escolas públicasⁱⁱⁱ.

A resistência ao debate revela também a posição da professora como uma crítica da base, considerando que o modelo implementado pelo Novo Ensino Médio fortalece a ideia de uma educação centrada nas habilidades e nas competências exigidas pelo mercado, tentando neutralizar o debate sobre desigualdade racial, de classe e de gênero. Dessa forma, o espaço

destinado ao ensino de história e ao debate sobre o passado e o presente da população negra torna-se cada dia mais limitado. A discussão sobre o samba como expressão de resistência, que propusemos neste trabalho, revela exatamente o caminho pelo qual o ensino de história ainda consegue encontrar alternativas para se fazer presente na realidade de comunidades excluídas, compartilhando saberes críticos junto ao alunado.

Com o objetivo de trabalhar essas temáticas junto às turmas do ensino médio, organizamos uma oficina pedagógica centrada no samba-enredo, considerando tanto suas origens quanto seu desenvolvimento histórico. A oficina propunha uma discussão sobre como o samba revela a realidade social brasileira, sendo ele próprio um lugar de memória, resistência e consciência, como propõe Ynaê Lopes dos Santos (2017). A abordagem consistiu na organização de uma apresentação compartilhada, na qual a professora ficou encarregada de expor o histórico do samba e das escolas de samba, enquanto os estudantes passaram a analisar determinados sambas enredo escolhidos pelo grupo. A seleção incluiu 4 sambas emblemáticos, que tratam de temas como a abolição da escravatura e seus impactos na realidade brasileira, a intolerância religiosa, o papel da mulher negra na história do samba e nas comunidades, e as encruzilhadas do Rio de Janeiro, enquanto espaço de resistência e organização da cultura popular.

Com o uso de uma apresentação no *Prezi*, cada grupo ficou encarregado de expor uma parte da discussão. A professora ficou com o bloco de contextualização, enquanto os estudantes, depois de ouvirem os sambas junto à turma, passaram a destacar como cada música revela determinados problemas presentes tanto no período histórico ao qual se relaciona quanto na realidade vivida pelos moradores da comunidade. Dessa forma, o samba-enredo revela-se como um recurso pedagógico particularmente relevante, sendo capaz de fazer a ligação entre o passado e o presente, mostrando como determinados problemas permaneceram vivos na memória da população e nas desigualdades presentes no espaço

urbano e nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro.

Assim sendo, na próxima parte do trabalho serão examinadas as razões pelas quais o samba-enredo constitui uma importante ferramenta pedagógica, tanto para o ensino de história quanto para a discussão de desigualdade racial e de classe, sendo ele um caminho pelo qual o próprio aluno consegue se apropriar de sua memória, de sua história e de seu lugar na realidade. A aposta no uso do samba como instrumento pedagógico revela uma abordagem inovadora, que valoriza o saber compartilhado nas comunidades, fortalece o protagonismo juvenil e proporciona uma leitura crítica do mundo, sendo particularmente relevante para uma educação que se quer transformadora, principalmente junto a comunidades excluídas como as que formam o entorno do José de Souza Marques.

Alô, bateria: Por que os sambas-enredos explicam o mundo?

Dentro do contexto da educação, particularmente do ensino de história, encontrar métodos pedagógicos que dialogam tanto com o interesse de comunidades historicamente excluídas quanto com a realidade vivida pelos estudantes revela-se como um permanente e complexo desafio. A abordagem tradicional, centrada na organização cronológica de conteúdos e na memória institucional compartilhada pelo livro didático, revela-se muitas vezes insuficiente para dar conta da riqueza de experiências compartilhadas pelo alunado – principalmente nas comunidades periféricas – nas quais a história vivida não corresponde ao modelo universalista prescrito pelo currículo. É neste espaço de lacuna pedagógica que o samba-enredo revela toda a sua importância como um recurso particularmente relevante, capaz de dar voz às comunidades, de resgatar a memória de grupos excluídos, de expressar identidades compartilhadas e de abordar conteúdos históricos de forma envolvente, poética e politizada.

Por meio de sambas-enredos, comunidades vêm compartilhando suas

narrativas, conquistas, injustiças e resistências ao longo do tempo, sendo ele, ao mesmo tempo, um espaço de expressão da memória coletiva e de educação popular. Dessa forma, o samba-enredo revela-se como um instrumento pedagógico particularmente poderoso, ao proporcionar ao aluno o acesso ao aprendizado de história a partir de fontes culturais vivas compartilhadas pelo próprio povo. Ele revela como determinados problemas vêm sendo vividos pelas comunidades ao longo do tempo, sendo, ao mesmo tempo, um registro histórico compartilhado e um espaço de educação, ao proporcionar uma compreensão multissituada da realidade.

Neste ponto, vale destacar como essa abordagem se relaciona às teorias pedagógicas de Paulo Freire, particularmente ao seu conceito de educação dialógica. Na perspectiva freiriana, o ensino não deve ser um modelo de “depósito de conteúdos” (concepção bancária da educação), sendo preciso proporcionar ao aluno uma educação compartilhada, problematizadora, na qual ele se apropria do saber a partir de suas próprias experiências. O samba-enredo proporciona exatamente essa dinâmica, ao fazer da música um espaço de fala da comunidade, compartilhando saberes compartilhados pelo próprio povo, sendo ele sujeito de sua história e de seu aprendizado. Dessa forma, o ensino de história passa a ser um caminho de consciência crítica, sendo o aluno capaz de relacionar o aprendizado ao próprio espaço vivido, ao próprio grupo, às desigualdades presentes na realidade.

Em um período marcado pelo distanciamento das comunidades das narrativas dominantes, o samba-enredo revela-se como um importante agente de consciência social, capaz de questionar injustiças, dar voz ao oprimido e desconstruir mitos presentes no ensino de história. Por meio de suas letras, ele revela como determinados grupos vêm sendo excluídos da memória nacional, sendo silenciados tanto nas narrativas compartilhadas quanto nas institucionalizadas pelo ensino. Isso proporciona ao estudante uma consciência histórico-crítica, sendo ele

capaz de relacionar o aprendizado da história às desigualdades presentes na realidade. A música revela como determinados povos passaram pelo tráfico de pessoas, pelo trabalho forçado, pelo extermínio de comunidades indígenas e pelo preconceito racial. A consciência social passa, assim, pelo aprendizado de uma história compartilhada, que revela tanto dores quanto conquistas de grupos excluídos.

Ainda nesse caminho, o samba-enredo revela-se como um espaço de resgate e valorização da cultura afro-brasileira, sendo ele fruto da resistência de comunidades negras ao processo de exclusão iniciado pelo período colonial e prolongado pelo período republicano. A música revela a riqueza de expressões culturais de matriz africana – como o próprio samba, o candomblé, o maracatu, o congado – sendo ele, também, um espaço de reverência às lideranças negras, como Zumbi dos Palmares, Tia Ciata, Dandara, entre outras. Isso proporciona ao ensino de história a possibilidade de incluir a perspectiva afro-brasileira, quase sempre silenciada nas narrativas compartilhadas nas escolas. A música revela como o povo negro resistiu, produziu cultura, compartilhou saberes e deu ao Brasil uma parte importante de sua memória. Dessa forma, o samba-enredo fortalece o aprendizado de história a partir de fontes compartilhadas pelo próprio povo.

Ainda que o samba-enredo celebre conquistas, ele também revela conflitos, lutas e injustiças presentes na história. Ele revela como determinados grupos permaneceram excluídos da riqueza compartilhada pelo desenvolvimento nacional, sendo ele um espaço de denúncia e resistência. Por meio de suas letras, ele revela ao aluno como o povo negro, o trabalhador, o periférico, a mulher, o indígena vêm tentando fazer valer seus direitos, compartilhando suas conquistas, suas dores e suas estratégias de resistência. Isso proporciona ao ensino de história uma abordagem que revela tanto o conflito quanto o caminho de resistência compartilhado pelo povo, mostrando que ele não ficou passivo frente às desigualdades, sendo ele próprio sujeito de sua história. Dessa forma, o

samba-enredo revela como determinados grupos vêm tentando se fazer presentes nas narrativas compartilhadas, tentando fazer valer suas vozes na história.

Ainda nesse caminho, o samba-enredo revela como ele consegue expressar conteúdos históricos de forma poética, recorrendo a metáforas, símbolos, rima e ritmo. Ele revela como determinados conteúdos compartilhados pelo ensino de história não estão presentes apenas nas fontes institucionalizadas, como documentos, textos e legislações, sendo compartilhados também nas criações culturais compartilhadas pelo próprio povo. Isso proporciona ao aluno uma experiência estética, sendo ele convidado a interpretar o enredo como ele interpretaria um texto histórico, tentando encontrar nas letras mensagens, críticas, posições políticas, vivências compartilhadas. Dessa forma, o ensino de história passa a dialogar com outras fontes, ampliando o repertório de aprendizado e permitindo ao aluno relacionar o poético ao histórico, o subjetivo ao coletivo.

Ainda que o ensino de história seja, tradicionalmente, compartilhado pelo livro didático, pelo professor e pelo currículo institucional, ele também deve dar espaço às comunidades para compartilharem suas próprias experiências. É exatamente neste ponto que o samba-enredo revela toda a sua importância. Ele proporciona às comunidades a possibilidade de expressar suas próprias identidades, compartilhando a história de determinados grupos a partir de seu próprio ponto de vista. Isso fortalece o vínculo de pertencimento, sendo particularmente importante para comunidades que vêm sendo excluídas tanto da memória compartilhada quanto da história institucional. Dessa forma, o ensino de história passa a trabalhar o próprio espaço de vivência como um lugar de memória e resistência, compartilhando saberes específicos de determinados grupos.

Ainda nesse caminho, o samba-enredo revela-se como um importante Patrimônio Imaterial, sendo ele portador de memória compartilhada. Ele

revela como determinados povos vêm tentando perpetuar suas narrativas, compartilhá-la às gerações seguintes e, ao mesmo tempo, ressignificar o próprio passado. Por ele, comunidades relembram personagens históricos, festividades, conquistas e dores compartilhadas. Isso proporciona ao ensino de história uma abordagem que revela o valor da memória como espaço de resistência, sendo ele também um lugar de aprendizado compartilhado. Dessa forma, o aluno passa a compreender que ele próprio faz parte dessa memória, sendo ele um elo na história de seu próprio grupo.

Ainda que o samba-enredo seja, principalmente, música, ele revela também um processo de engajamento coletivo, sendo ele fruto do trabalho compartilhado de comunidades que se organizam para preparar o carnaval. A parceria de comunidades, escolas de samba, moradores, compositores, músicos, costureiros, cenógrafos revela como o saber histórico é compartilhado, sendo ele fruto tanto do aprendizado formal quanto do aprendizado coletivo. Isso proporciona ao ensino de história uma abordagem compartilhada, mostrando como o saber não é fruto apenas do livro didático ou do modelo institucional de educação, sendo ele também compartilhado nas comunidades, nas praças, nas escolas de samba. Dessa forma, o aprendizado passa pelo envolvimento, pelo compartilhamento de responsabilidades e pelo próprio fazer histórico.

Em face de comunidades excluídas e de currículos que vêm tentando minimizar o debate de determinados conteúdos – como a história da África, da cultura afro-brasileira, das comunidades indígenas e das lutas populares – o samba-enredo revela-se como um poderoso instrumento pedagógico, sendo ele capaz de fazer o ensino de história dialogar tanto com o espaço vivido quanto com a memória compartilhada. Por meio do samba-enredo, o aluno passa a se reconhecer como sujeito histórico, compartilhando saberes, vivências e experiências junto ao seu grupo. Ele consegue relacionar o aprendizado de história às desigualdades presentes na realidade, sendo ele próprio um protagonista na avaliação e na

compreensão do próprio caminho compartilhado pelo seu povo. Em um período marcado pelo avanço de ideologias conservadoras, pelo debilitamento do debate sobre desigualdade nas escolas e pelo silenciamento de determinados grupos, o samba-enredo revela toda a sua importância como espaço de resistência, memória e consciência. Ele revela que o aprendizado de história não precisa permanecer preso ao livro didático, sendo ele compartilhado também nas comunidades, nas praças, nas escolas de samba – sendo ele, enfim, fruto de um saber compartilhado e construído pelo próprio povo.

Portanto, ao relacionar o ensino de história ao samba-enredo, a educação revela o caminho de um aprendizado compartilhado, dialógico e transformador. Por ele, comunidades oprimidas contam suas próprias histórias, compartilham saberes específicos de suas vivências e ajudam a forjar uma consciência histórico-crítica nas novas gerações. Dessa forma, o ensino de história passa a ser um espaço de resistência, de memória compartilhada e de construção de identidades, sendo ele fruto tanto do aprendizado institucional quanto da vivência compartilhada nas comunidades – sendo, enfim, um aprendizado que revela o próprio povo como sujeito de sua história.

Em decorrência do espaço deste artigo, analisaremos apenas uma música das quatro que haviam sido elencadas para investigação com os alunos e, portanto, apenas dois dos temas serão abordados. Vejamos a seguir a análise dos sambas.

A abolição da escravatura e seus impactos na realidade brasileira

O desfile do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro entra na galeria de maiores da história, sendo ele uma escola particularmente conhecida por fazer enredos afros, sobretudo nos anos 1960, período em que o carnaval das escolas de samba ficou marcado como “revolução salgueirense” em razão de seus títulos e desfiles memoráveis, tendo como protagonista o

carnavalesco Fernando Pamplona. Em 1989, não foi diferente.

Apelidada carinhosamente de Torrão, a vermelho e branco do bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, foi a oitava e penúltima escola a desfilar no então grupo 1, com o enredo “Templo negro em tempo de consciência de negra”. A escola desfilou em 1989 sendo criticada por não ter reverenciado o negro no ano de 1988, que foi o carnaval do centenário da abolição, no qual as escolas do grupo especial homenagearam o negro e o fizeram como protagonista da festa, com apresentações memoráveis da já citada Vila Isabel e da Estação Primeira de Mangueira, com o enredo “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão?”. A Mangueira abordou a Lei Áurea e a situação dos negros no Brasil após a abolição, questionando a liberdade em termos sociais e econômicos, com os seguintes versos entoados pelo emblemático intérprete de samba, Jamelão:

Será, será/
Que já raiou a liberdade/
Ou se foi tudo ilusão?/
Será, ô, será/
Que a Lei Áurea tão sonhada/
Há tanto tempo assinada/
Não foi o fim da escravidão?

A sinopse do enredo para o desfile daquele ano, desenvolvido pelos carnavalescos Luiz Fernando Reis e Flávio Tavares, inicia o seu texto abordando a expressão entoada pelos salgueirenses: “nem pior, nem melhor, apenas uma escola diferente”. Em seguida, apresenta um importante parágrafo, também de autoria da dupla de carnavalescos, que revela a preocupação da agremiação com o negro e a pauta sobre ele.

Figura 1: Caderno abre-alas liesa, carnaval - 1989

Quando todos lembraram do negro em 1988, nós do Salgueiro só o faremos em 1989, não apenas por sermos diferente, também porque nos parece que o movimento negro, a luta negra não se finda em 88, ela é maior que o centenário dessa dita liberdade, dessa falsa abolição. É importante que essa chama não se apague e que no 101º, 102º, 103º ano da libertação dos escravos ainda se proclame igualdade entre negros, mulatos e brancos.

Vale destacar que o samba-enredo, sendo um ativo cultural e pedagógico, traz elementos importantes que exaltam o negro e citam personalidades importantes, como Chica da Silva, compartilhando o canto de que o centenário não se apagará. Inclusive, ele exalta a beleza, a força, a inteligência e a malandragem do negro na canção – sendo a malandragem aqui interpretada como uma ferramenta para subverter o racismo estrutural e as mazelas deixadas pela abolição mal feita.

Livre ecoa o grito dessa raça/
E traz na carta/
A chama ardente da abolição/
Oh! Que santuário de beleza/
Um congresso de nobreza/
De raríssimo esplendor/
Revivendo traços da história

O desfile do Salgueiro trouxe personalidades importantes e questionamentos que são atuais no momento em que este artigo está sendo escrito. Concomitantemente sendo um potente sujeito cultural que é uma escola de samba, o cortejo inicia-se com a ala “Salgueiro - templo negro”, mostrando e prestando homenagem às nove enredos afros que a agremiação já havia realizado, sendo cada personalidade representada em um estandarte. Percebe-se a preocupação e a atenção que houve nessa primeira parte, pois a escola retorna às décadas de 1960 e 1970 e revela ao público a relevância que determinados personagens representam na história do Brasil, como, por exemplo, o Rei Salomão (1975) e o Quilombo dos Palmares (1960).

Para sintetizar a performance do desfile, que fora muito educativo, político e colorido, destaca-se o comentário de Pedro Migão, proprietário do tradicional site carnavalesco Ouro de Tolo, no texto “1989: ‘luxo’ gresilense supera o ‘lixo’ napolitano no ano que não acabou”:

Ex-carnavalesco da Caprichosos, Luiz Fernando Reis foi o responsável pelo desfile do Salgueiro. [...] ele desenvolveu o enredo “Templo negro em tempo de consciência negra”, no qual relembrava os enredos afros apresentados pela escola em anos anteriores e questionava, a exemplo do que fizera a Mangueira em 1988, a realidade da abolição. O resultado na pista foi absolutamente espetacular. Com fantasias luxuosas e extremo bom gosto, o Salgueiro entrou com tudo, e os componentes cantaram com força o excelente samba interpretado por Rixxa, que ganharia o “Estandarte de ouro” de melhor puxador daquele ano. O conjunto alegórico também foi muito bem concebido, e o acabamento estava à altura. Luiz Fernando Reis também lançou mão de diversos tripés e alegorias de mão, que deram ótimo resultado. O abre- alas era chamado “Templo negro” e tinha muitas panteras, e este elemento era sucedido pela belíssima alegoria “Navio negreiro”.^{iv}

Os enredos afros, dos quais algumas dezenas de outros enredos políticos embalaram a Marquês de Sapucaí nos anos 1980, não foram tão predominantes na década seguintes, na qual foram escolhidos outros temas, focados no futuro e enredos fortemente patrocinados por agentes externos e patronos das escolas, visando uma maior espetacularização do evento na TV.

Todavia, ainda assim, houve enredos representativos e potencializadores pedagógicos que desfilaram na Sapucaí e marcaram a vida de quem assistiu ao momento do acontecimento ou posteriormente, pelo

aprendizado compartilhado da história oral.

A questão da intolerância religiosa

O desfile da Acadêmicos do Grande Rio em 2022 veio para marcar sua história no carnaval carioca. Coroando a agremiação com seu primeiro título e, de modo impactante, trouxe consigo uma discussão pública sobre a presença das religiões de matriz africana na sociedade contemporânea e a permanência de discursos pejorativos acerca de tais práticas, comumente associadas como algo maligno. Todavia, ao trazer essa experiência para o campo educacional, defendemos que o carnaval pode servir como uma importante ferramenta pedagógica e o “desfile de Exu” como um objeto de estudo valioso para abrir caminhos contra a intolerância religiosa nas escolas a partir da desnaturalização de narrativas negativas e falaciosas sobre Exu.

Dentro das concepções iorubanas, Exu ocupa o lugar de grande mensageiro. Luiz Antonio Simas (2023, p. 161) narra que Exu foi criado por Olodumare a partir da lama para ser o grande Âgba (ancestral), sendo responsável por fazer a intermediação, comunicar e mover a energia entre o plano terreno e o plano dos orixás, tendo como seu ponto vital a rua, portões, esquinas e encruzilhadas, e protegendo os povos da rua — prostitutas, malandros, boêmios e pessoas em situação de rua, por exemplo. Nesse sentido, o desfile aqui analisado procurou descontinar essa figura em sete chaves interpretativas que vão desde sua criação, passando pela diáspora africana e sua capilaridade em solo brasileiro, através da umbanda, dialogando também com a energia vital que ele manifesta nas ruas, no carnaval e a partir de camadas inferiorizadas pela lógica colonial.

Segundo Luiz Rufino (2017), a escola busca, sistematicamente, moldar e oferecer uma pedagogia que seja cívica, colonial e marcada pela valorização de saberes que homogeneizem os estudantes. Logo, para

combater essa ideologia colonial que permeia o espaço educativo, o autor resgata a noção de encruzilhada – local de fresta e campo de possibilidades e afirmação da vida – para propor uma nova pedagogia que dialogue com novos saberes (2017, p. 35). Acerca da defesa da Pedagogia das Encruzilhadas como um dispositivo combativo à mentalidade colonial que se entranhou nas escolas, Rufino sintetiza:

A pedagogia cívica propagada pelo colonialismo é, antes de um projeto escolar, um projeto de educação de seres que perpassa pelo silenciamento de inúmeras outras formas de saber. A Pedagogia das Encruzilhadas opera diretamente no alargamento de possibilidades explicativas do mundo e consequentemente no cruzo dessas possibilidades. Direi uma única vez para que não caiamos nos assombros da mentira: a escolarização de Exu não é a pauta dessa proposição. A mironga desse feitiço é a reinvenção do humano a partir dos cacos despedaçados, da resiliência, transgressão e sabedoria de frestas praticadas durante mais de cinco séculos em nossas bandas. (Rufino, 2017, p. 106)

Compreendemos que este samba-enredo pode ser utilizado nas escolas para tratar da intolerância religiosa e de assuntos correlatos. Uma vez que, ao tratar a figura de Exu e os atravessamentos deste orixá no cotidiano e nas práticas populares, procura-se fazer com que os alunos compreendam que, durante o processo de construção social da cultura – aqui, no caso, de uma cultura de preconceito sobre as religiões de matriz africana –, mesmo que existam agentes dominantes que propagaram as ideias consideradas corretas para sua construção identitária, os agentes subalternizados não perdem o protagonismo sobre a própria cultura, propagando-a por meio das frestas do poder oficial (Ginzburg, 2006, p. 18), uma vez que a cultura, segundo Clifford Geertz, consiste em uma estrutura de significados socialmente construídos (Geertz, 2008, p. 9).

Destaca-se que, voltando ao objeto de estudo, o samba da Tricolor de Caxias traz elementos importantes para que o grande público compreenda

a figura de Exu e sua presença nas sete chaves de análise propostas pelos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora. Na saudação que abre o samba – Boa noite, moço / boa noite, moça / aqui na terra é o nosso templo de fé – revela-se a maneira como o guia cumprimenta a assistência em uma gira de umbanda. A sacralização do terreiro revela como a chegada destes ao plano terreno ocorre a partir da fé e da caridade. Em seguida, a composição destaca no verso num mar de dendê, caboclo, andarilho, mensageiro / das mãos que riscam pemba no terreiro / renasce Palmares, Zumbi Agbá, como a diáspora africana, embora marcada pela violência colonial e pelos horrores do tráfico de pessoas escravizadas, também propiciou – ou seja, não se reduziu apenas ao elemento colonial e à dinâmica escravista – novas formas de sociabilidade e, a partir da menção ao Quilombo dos Palmares, o samba destaca a resistência dos povos escravizados. Tal concepção também é ilustrada na sinopse do enredo:

Exu que se fez caboclo, poeira, na crua, em brasa, chão de terreiro, fora da casa – o mundo inteiro nos pés de andarilhos peregrinantes. Os chifres, os dentes, os búzios, as garras: batalhas! Ali, tanto sacrifício: argila vermelha na praia. Rasgos, penhascos, altares, o orí, a voz de Palmares: os gritos, os mitos, os guizos, a cabeça de Zumbi, “mortal eterno”, “ente coletivo” ao soldo mais verde encanto (porque Zumbi-Exu está em tudo quanto é canto). Agbá! – espraiou-se o culto, firmeza e toque. Sigamos! (Grande Rio, 2022)

Ao trabalhar o samba-enredo nas escolas, a ideia central parte da premissa de que o educador pode tratar de temas sensíveis e de grande impacto social pelo aporte artístico, musical e visual. Dessa maneira, o uso desse artifício dialoga com a premissa de se incentivar uma educação antirracista, valorizando, segundo Djamila Ribeiro, um ensino que ressalte as experiências e existências negras em múltiplas áreas de ensino e processos de ensino-aprendizagem (2019, p. 41), resultando em um ensino que reverta a lógica colonial e a pedagogia cívica.

Em adição, o uso do samba-enredo deve ser utilizado no ensino para propiciar o letramento do educando ao colocá-lo em contato com visões plurais de mundo e concepções culturais que fujam do seu meio de convívio (Rocha, 2020, p. 278). Além disso, essa ferramenta, aplicada no campo do ensino de história, relaciona-se tanto às práticas de leitura e escrita, quanto à oralidade, e proporciona a construção de noções específicas do ensino de história – como o reconhecimento do tempo, do espaço, do contexto histórico-social – auxiliando o aluno na desconstrução do conhecimento enciclopédico e na apropriação de conteúdos que, em um primeiro momento, poderiam parecer excessivamente abstratos (Rocha, 2020, p. 288-290).

Fim do espetáculo: conclusões

A discussão ao longo deste artigo revela como o samba-enredo se apresenta como um poderoso instrumento pedagógico de decolonização do ensino de história, sendo ele capaz de fazer a educação abandonar o modelo eurocêntrico, institucionalista e excludente que ainda marca o currículo de várias escolas, particularmente nas comunidades periféricas. Por ele, o ensino de história passa a dar voz às comunidades oprimidas, compartilhando suas próprias narrativas, experiências e saberes específicos, sendo ele fruto tanto de um aprendizado compartilhado quanto de um fazer histórico permanente.

Em um período marcado pelo debilitado debate sobre desigualdade nas escolas, pelo silenciamento de determinados grupos e pelo avanço de ideologias conservadoras que vêm tentando minimizar o espaço de discussão de conteúdos críticos, o samba-enredo revela toda a sua importância como espaço de resistência, memória compartilhada e consciência. Ele revela que o aprendizado de história não precisa permanecer preso ao livro didático, sendo ele compartilhado também nas comunidades, nas praças, nas escolas de samba – sendo ele, enfim, fruto

de um saber compartilhado e construído pelo próprio povo. Dessa forma, ele proporciona ao ensino de história uma abordagem compartilhada, multissituada e decolonial, sendo ele fruto tanto do aprendizado institucional quanto da vivência compartilhada nas comunidades – sendo, enfim, um aprendizado que revela o próprio povo como sujeito de sua história.

Este caminho revela uma nova forma de fazer história, sendo ele particularmente relevante para comunidades que vêm sendo excluídas tanto da memória compartilhada quanto da história institucional. Ele proporciona ao aluno a possibilidade de dizer o próprio caminho compartilhado pelo seu povo, compartilhando saberes específicos de determinados grupos e sendo ele próprio o sujeito de sua história. Dessa forma, o ensino de história passa a trabalhar o próprio espaço de vivência como um lugar de memória e resistência, compartilhando saberes específicos de determinados grupos. A história compartilhada pelo samba-enredo revela como o aprendizado histórico passa pelo envolvimento da comunidade, pelo compartilhamento de responsabilidades e pelo próprio fazer histórico.

Em consonância com o pensamento de Frantz Fanon, o ensino de história decolonial revela ao sujeito o caminho para a recuperação de sua consciência, sendo ele próprio um elo na história de seu próprio grupo. A música revela como determinados povos vêm tentando dizer suas próprias histórias, compartilhando saberes específicos de determinados grupos e sendo ele, ao fim, sujeito de sua história. Dessa forma, ele revela como o próprio povo consegue dizer a sua história, compartilhando saberes específicos de determinados grupos e sendo ele, ao fim, sujeito de sua história.

Isso revela o caminho de uma educação compartilhada, multissituada e decolonial, sendo ele fruto tanto do aprendizado institucional quanto da vivência compartilhada nas comunidades – sendo ele, enfim, um

aprendizado que revela o próprio povo como sujeito de sua história.

Ainda na perspectiva de Paulo Freire, o ensino de história compartilhada revela a importância de o aluno fazer uma leitura crítica de seu próprio mundo, sendo ele capaz de relacionar o aprendizado de história às desigualdades presentes na realidade. Ele passa, assim, a se apropriar do próprio caminho compartilhado pelo seu povo, compartilhando saberes específicos de determinados grupos e sendo ele próprio sujeito de sua história. Dessa forma, ele revela como o próprio povo consegue dizer a sua história, compartilhando saberes específicos de determinados grupos e sendo ele, ao fim, sujeito de sua história.

Isso revela o caminho de uma educação compartilhada, multissituada e decolonial, sendo ele fruto tanto do aprendizado institucional quanto da vivência compartilhada nas comunidades – sendo ele, enfim, um aprendizado que revela o próprio povo como sujeito de sua história.

Ainda nesse caminho, o ensino de história compartilhada revela como o samba-enredo proporciona ao aluno uma consciência histórico-crítica, sendo ele capaz de relacionar o aprendizado de história às desigualdades presentes na realidade, sendo ele próprio sujeito de seu aprendizado. Ele revela como determinados povos vêm tentando dizer suas próprias histórias, compartilhando saberes específicos de determinados grupos e sendo ele, ao fim, sujeito de sua história. Dessa forma, ele revela como o próprio povo consegue dizer a sua história, compartilhando saberes específicos de determinados grupos e sendo ele, ao fim, sujeito de sua história.

Isso revela o caminho de uma educação compartilhada, multissituada e decolonial, sendo ele fruto tanto do aprendizado institucional quanto da vivência compartilhada nas comunidades – sendo ele, enfim, um aprendizado que revela o próprio povo como sujeito de sua história.

Ainda que o ensino de história compartilhada seja, tradicionalmente, compartilhado pelo livro didático, pelo professor e pelo currículo institucional, ele também deve dar espaço às comunidades para compartilharem suas próprias experiências. É exatamente neste ponto que o samba-enredo revela toda a sua importância. Ele proporciona às comunidades a possibilidade de expressar suas próprias identidades, compartilhando a história de determinados grupos a partir de seu próprio ponto de vista. Isso fortalece o vínculo de pertencimento, sendo particularmente importante para comunidades que vêm sendo excluídas tanto da memória compartilhada quanto da história institucional. Dessa forma, o ensino de história passa a trabalhar o próprio espaço de vivência como um lugar de memória e resistência, compartilhando saberes específicos de determinados grupos.

Ainda nesse caminho, o samba-enredo revela-se como um importante Patrimônio Imaterial, sendo ele portador de memória compartilhada. Ele revela como determinados povos vêm tentando perpetuar suas narrativas, compartilhá-la às gerações seguintes e, ao mesmo tempo, ressignificar o próprio passado. Por ele, comunidades relembram personagens históricos, festividades, conquistas e dores compartilhadas. Isso proporciona ao ensino de história uma abordagem que revela o valor da memória como espaço de resistência, sendo ele também um lugar de aprendizado compartilhado. Dessa forma, o aluno passa a compreender que ele próprio faz parte dessa memória, sendo ele um elo na história de seu próprio grupo.

Ainda que o samba-enredo seja, principalmente, música, ele revela também um processo de engajamento coletivo, sendo ele fruto do trabalho compartilhado de comunidades que se organizam para preparar o carnaval. A parceria de comunidades, escolas de samba, moradores, compositores, músicos, costureiros, cenógrafos revela como o saber histórico é compartilhado, sendo ele fruto tanto do aprendizado formal quanto do aprendizado coletivo. Isso proporciona ao ensino de história

uma abordagem compartilhada, mostrando como o saber não é fruto apenas do livro didático ou do modelo institucional de educação, sendo ele também compartilhado nas comunidades, nas praças, nas escolas de samba. Dessa forma, o aprendizado passa pelo envolvimento, pelo compartilhamento de responsabilidades e pelo próprio fazer histórico.

Em face de comunidades excluídas e de currículos que vêm tentando minimizar o debate de determinados conteúdos – como a história da África, da cultura afro-brasileira, das comunidades indígenas e das lutas populares – o samba-enredo revela-se como um poderoso instrumento pedagógico, sendo ele capaz de fazer o ensino de história dialogar tanto com o espaço vivido quanto com a memória compartilhada. Por meio do samba-enredo, o aluno passa a se reconhecer como sujeito histórico, compartilhando saberes, vivências e experiências junto ao seu grupo. Ele consegue relacionar o aprendizado de história às desigualdades presentes na realidade, sendo ele próprio um protagonista na avaliação e na compreensão do próprio caminho compartilhado pelo seu povo. Em um período marcado pelo debilitado debate sobre desigualdade nas escolas, pelo silenciamento de determinados grupos e pelo avanço de ideologias conservadoras, o samba-enredo revela toda a sua importância como espaço de resistência, memória e consciência. Ele revela que o aprendizado de história não precisa permanecer preso ao livro didático, sendo ele compartilhado também nas comunidades, nas praças, nas escolas de samba – sendo ele, enfim, fruto de um saber compartilhado e construído pelo próprio povo.

Portanto, ao relacionar o ensino de história ao samba-enredo, a educação revela o caminho de um aprendizado compartilhado, dialógico e transformador. Por ele, comunidades oprimidas contam suas próprias histórias, compartilham saberes específicos de suas vivências e ajudam a forjar uma consciência histórico-crítica nas novas gerações. Dessa forma, o ensino de história passa a ser um espaço de resistência, de memória compartilhada e de construção de identidades, sendo ele fruto tanto do

aprendizado institucional quanto da vivência compartilhada nas comunidades – sendo ele, enfim, um aprendizado que revela o próprio povo como sujeito de sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1989:** "Luxo" gresilense supera o supera o "lixo" napolitano no ano que não acabou. (Ouro de Tolo). Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.pedromigao.com.br/ouro-detolo/2016/01/1989-luxo-gresilense-contra-o-lixo-nilopolitano-num-ano-que-nao-acabou/> Acesso em: 08 jun 2025 (paragrafo comentando sobre o **Professores de História:** entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X,2007.
- BORA, Leonardo & HADDAD, Gabriel.** FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras Fala Majeté:** as sete chaves de exu **brancas** (R. Silveira, Trad.). Salvador, BA: (sinopse). Apoteose. Rio de Janeiro, EdUFBA, v. 24, 2008. 2022. Disponível em: <http://www.apoteose.com/carnaval-2022/academicos-do-grande-rio/sinopse/> Acesso em: 08 jun 2025.
- CÁSSIO, Fernando.** **Educação contra a barbárie:** por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COSTA, Warley.** A escrita escolar da história da África e dos afro-brasileiros: entre leis e resoluções. In.: PEREIRA, A.; MONTEIRO, A. M.(org). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas.** Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.).** **Dicionário de ensino de história.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- GABRIEL, Carmen.** Processo de MUNIZ, Durval. Fazer defeitos nas produção dos saberes escolares no memórias: para que servem o ensino e a âmbito da disciplina de História: escrita da história? In: GONÇALVES, tensões e perspectivas. **EDUCAÇÃO** Márcia et al. (Orgs.). **Qual o valor da** _____.
- BÁSICA REVISTA**, v. 3, p. 5-36, 2017. Pesquisa em Ensino de História: desafios contemporâneos de um campo de investigação. In.: MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana. (Orgs.). **Cartografias da Pesquisa em Ensino de História.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.
- GEERTZ, Clifford.** **A Interpretação das Culturas.** 1ª ed. 13ª reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GUARAL, Guilherme.** **Unidos da democracia** - as escolas de samba do Rio de Janeiro e os enredos políticos na década de 1980, 1º ed. Rio de Janeiro: Sophia Editora, 2022. (versos do samba- enredo Salgueiro)
- LOPES, Alice Casimiro.** **Teorias de currículo.** Cortez Editora, 2014.
- FERREIRA, Marieta de Moraes.** História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flammarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História.** 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011

história hoje? Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REIS, Fernando Reis & TAVARES, Flávio: Templo negro em tempo de consciência negra (sinopse). **Galeria do samba.** Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-salgueiro/1989/> Acesso em: 08 jun 2025

ROCHA, Helenice. Letramento(s) histórico(s): uma proposta plural para o ensino e a aprendizagem de história. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 13, n. 2, p. 275- 301, 2 out. 2020.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas.** 2017. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Ynaê Lope dos. **História da África e do Brasil afrodescendente.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio. **O Corpo Encantado das ruas.** 10^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

_____. **Umbandas: uma história do Brasil.** 6^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

Notas

ⁱ Entrevista de Luiz Antônio Simas ao instrumentos percussivos como o site porvir. Disponível online em: surdo e a cuíca. Todavia, segundo <https://porvir.org/escolas-de-samba-tem-um-perfil-pedagogico-fundamental-diz-historiador/> Sérgio Cabral, o Deixa Falar pretendia também, através da legalização, melhorar as relações dos sambistas com a polícia através do licenciamento

Consulta em 10/06/2025

ⁱⁱ Considerando os objetivos com tal órgão para viabilizar os festejos propostos por esse artigo, assim da escola na Praça Onze. Para maiores como o espaço limitado para a informações ver: CABRAL, Sérgio. apresentação dos temas em debate, Escolas de samba do Rio de Janeiro. optamos por não falar sobre a origem Editora Lazuli LTDA, 2016. p.44-45 das escolas de samba. Contudo, ⁱⁱⁱ Para maiores informações ver: deixamos aqui uma pequena menção CÁSSIO, Fernando. Educação contra a que aponta que a origem do termo barbárie: por escolas democráticas e escola de samba, na literatura pela liberdade de ensinar. São Paulo: especializada, apontar que a primeira Boitempo, 2019.

agremiação a adotar essa tipificação ^{iv} Disponível online em: será a “Deixa Falar”, fundada em 1928 <https://www.pedromigao.com.br/ouro-no-bairro-do-estacio>. Organizada por Ismael Silva, tal agremiação foi ponta gresilense-contra-o-lixo-nilopolitano-de lança no uso da marcha-rancho – num-ano-que-nao-acabou/ mais apropriado para a cadênciados Consulta em 10/06/2025 desfiles – e na utilização de